

AS ESTÁTUAS PENSANTES NA EDUCAÇÃO: UM OLHAR PARA O CORPO E O MOVIMENTO NA ESCOLA

THE STUDENTS THINKING ABOUT EDUCATION: A LOOK AT THE BODY AND THE MOVEMENT AT SCHOOL

¹MARQUES, L. O.; ²JOROSKY, N. H.

Departamento de Licenciatura em Artes Visuais Faculdade Integrada de Ourinhos FIO/FEMM.

RESUMO

Esta pesquisa visa um diálogo acerca da questão, corpo e espaço escolar na formação dos discentes do ensino básico brasileiro. O estudo traz ainda, como ferramenta discursiva, os estudos do filósofo Michel Foucault e parte dos princípios do corpo que quer falar, das estruturas físicas escolares e das condutas e práticas docentes nas salas de aulas. Em um contexto histórico não favorável a uma educação transformadora, este trabalho se volta ao questionamento de um ensino que vem falhando e corrompendo o estímulo crítico e expressivo do aluno. Aqui, pautaremos a falta da mediação pedagógica, a repressão corporal e o despreparo científico para a promoção de um espaço que potencialize a linguagem corporal do aluno.

Palavras- chave: Corpo. Dança. Espaço Escolar.

ABSTRACT

This research aims at a dialogue about the question, body and school space in the training of students of Brazilian basic education, brings as a discursive tool the studies of the philosopher Michel Foucault and part of the principles of the body that wants to speak, the physical school structures and the conduits and teaching practices in classrooms. In a historical context not favorable to a transformative education, this work turns to the questioning of a teaching that is failing and corrupting with the critical and expressive stimulus of the student. Here we will guide the lack of pedagogical mediation, corporal repression and scientific unpreparation for the promotion of a space that enhances the student's body language,

Keywords: Body. Dance. School Space.

INTRODUÇÃO

Este artigo traz um debate com ênfase no corpo que se faz presente nas salas de aulas das mais diversas instituições escolares e busca uma reflexão deste corpo que ainda se encontra em uma posição oprimida, invisível, estruturado pela nossa história e sociedade. Assim, há a intenção de uma mediação entre ideias de pensadores que trazem questões relacionadas ao ambiente e gestão escolar, bem como, o olhar ainda cartesiano em que prevalece o dualismo corpo/mente e ainda mais, o corpo como um instrumento silencioso e imóvel para que a mente seja desenvolvida e o aprendizado ocorra. Entendemos pelos pressupostos do Ensino - Educação nas distintas camadas da contemporaneidade que a escola deve ser o local onde os indivíduos serão estimulados a desenvolver seus potenciais, entre estes os cognitivos, humanos e psicomotores, ainda que tenhamos este princípio

como o norteador de uma possível educação emancipadora, há uma grande necessidade de reestruturar a relação entre corpo e espaço escolar.

A escola, por sua vez, traz, em suas instâncias, práticas docentes muito firmadas na repressão dos corpos, sendo que esta deveria ser um lugar harmonizador o qual devesse promover nos alunos o prazer de estar aprendendo, e estes aprenderem de corpo inteiro por diferentes experiências, sensações e vivências. Não obstante, a escola ainda dita às crianças e aos adolescentes a rigorosidade de um ensino tecnicista e tradicional e, conseqüentemente, acaba por afastar o aluno da educação integral. O maior problema se encontra nestes ditames, visto que, essas condutas podem prejudicar o que prevê o currículo escolar, neste sentido Mommensohn e Regel afirmaram que:

O processo educacional é, no mais das vezes, tido como a aplicação de técnicas de transformação de comportamento, as quais levam à aquisição de habilidades específicas para o desempenho produtivo do indivíduo. Seu corpo é conscientemente treinado para a aquisição destas habilidades. Assim, a criança é preparada para o trabalho sedentário da cidade através de um estudo acadêmico que enfatiza principalmente suas capacidades intelectuais (MOMMENSOHN, REGEL, s/d, p.101).

A linguagem corporal é uma área mais que significativa na vida dos indivíduos, pois ela pode nos dizer quem somos, como agimos e por que agimos diante das situações, ainda também se reafirma como um fator que designa as plurais manifestações étnicas e culturais, sendo assim, é propício falar o quanto ela é importante na educação escolar, não apenas em questão de expressão, mas também sobre o desenvolvimento dialético do corpo do aluno que quer falar nas salas de aulas. A inquietação com a relação corpo e espaço escolar que esta pesquisa traz é algo que precisa ser discutido com muito cuidado. Diante disso, faz-se necessária uma busca científica para compreender o que de fato leva as instituições escolares a promoverem a fábrica de corpos imóveis e quietos, e neste sentido, o olhar reflexo do aluno nesta situação.

METODOLOGIA

O trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa e bibliográfica a partir de diferentes pesquisadores e traz um levantamento prévio de livros e artigos que abordam questões concernentes à inserção do indivíduo no espaço escolar com direcionamento a sua linguagem corporal. Assim, busca-se um diálogo sobre o

corpo que ocupa as salas de aulas. Para a mediação de tal discussão, faz-se presente neste texto: Michel Foucault, Lenira Peral Rengel, Maria Mommensohn, Márcia Strazzacappa, Paulo Freire entre outros pensadores da área da educação que trazem debates sobre o corpo que está presente na escola.

REFERENCIAL TEÓRICO

Na busca de falas que fundamentem este trabalho, houve a procura por autores que abordem a questão do corpo no espaço escolar de forma social e cultural, sendo assim, Michel Foucault (1926 – 1984) filósofo, historiador e pensador das ideias sociais, traz, em seus estudos, a ação corpórea deglutida de um adestramento social. Este filósofo parte do princípio de nossa estrutura histórica, enfatizando que a repressão dos corpos na escola é semelhante ao modelo carcerário e, dessa forma, as instituições escolares também regeriam a didática punitiva do silêncio corporal.

Walhausen, bem como no início do século XVII, falava da correta disciplina”, como uma arte do “bom adestramento”. O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ela não amarra as forças para reduzi-las; procura liga-las para multiplica-las e utiliza-las num todo (FOUCAULT, 1975, p. 164).

Seguindo o pensamento de Foucault, na perspectiva de que a linguagem corporal traz ao indivíduo a libertação de si, mas que a escola delibera a punição dos corpos, Rengel e Mommensohn afirmaram que através da expressão corporal o docente viabilizará a criança maior participação em sua interação na escola mediante as relações do mundo e seu meio natural, orgânico e social (RENGEL, MOMMENSOHN, s/d).

Outras teorias e visões voltadas para a educação de corpos e o protagonismo deste corpo no espaço escolar e na sociedade como um todo, está discriminada no seguinte discurso:

O corpo está em constante desenvolvimento e aprendizado. Possibilitar ou impedir o movimento da criança e do adolescente na escola; oferecer ou não oportunidades de exploração e criação com o corpo; despertar ou reprimir o interesse pela dança no espaço escolar, servir ou não de modelo... de forma ou de outra, estamos educando corpos. Nós somos nosso corpo. Toda educação é educação do corpo (STRAZZACAPPA, 2001, p. 79).

Ao falar da importância da educação do corpo na escola, Strazzacappa (1965) promove a consciência da prática docente para com os alunos, pois a forma como se lida com estes corpos em sala de aula resultam na atuação destes no meio social.

Com esse processo dialético entre os autores acima, cabe neste momento o discurso de Paulo Freire (1921 - 1997), que parte do princípio de uma pedagogia libertadora. O teórico, ao se deparar com os conflitos econômicos e sociais do Brasil pondera que a educação no país só poderá evoluir no momento em que ela for libertadora e transformar quem ela ensina e, conseqüentemente, aprende. Este levantou a teoria de um ensino que engajasse o aluno na conscientização de sua autonomia.

Visto que a educação brasileira se estruturou sob um modelo opressor, o teórico cunhou nacionalmente a pedagogia progressista que promoveria e conscientizaria a formação crítica do educando mediante a sua posição na luta pela transformação da sociedade, que por vez seria um dos possíveis caminhos para fugir do modelo opressor instalado nas escolas que aqui conhecemos pelo nome a prisão dos corpos (SEED, 2006).

No que tange a educação dos alunos, e por sua vez aos seus corpos, estes pensadores nos situam em um percurso discursivo ligado à estrutura histórica e à cultural da humanidade, apresentando diferentes contextos que levam as escolas e a gestão docente a promover as máquinas sociais e a repressão corporal no ensino básico.

CORPO E ESCOLA: UM ENSINO ESTRUTURAL

Compreender o corpo no ambiente escolar é uma situação muito difícil, fomos ensinados que há uma única forma de dizer algo, esta forma é a oralidade, a verbalização que é algo predominante na gestão escolar. A cada ano do ensino básico, somos distanciados de conhecer o nosso corpo e dar voz a ele, sendo uma informação negada de caráter utópico. Temos uma estrutura educacional censurada, não podemos dizer que é uma realidade que teve seu ponto de partida nos tempos atuais, entretanto, ainda vigora e se reafirma cotidianamente, pois é um modelo que se instalou há muito tempo nas instituições escolares.

Quando se fala de uma estrutura, estamos falando da história, tanto social quanto cultural, de modo geral, uma ligada a outra, se houver um olhar crítico. Para pensar no corpo em caráter educacional de maneira repressiva, é possível relembrar o século XVIII nos pressupostos do ballet clássico o qual foi um dos primeiros eixos a pensar o corpo do ser humano na escola. Logicamente, este corpo teria um outro tratamento educativo, seria pautado sobre as regras do gênero clássico, que exigia dos bailarinos a disciplina corporal nas coreografias, mas que acabou influenciando na rigidez do comportamento corporal nas escolas de ensino básico. Márcia Strazzacappa (1965) parte do princípio da doutrinação dos corpos nas diferentes atividades sociais. Ela traz a concepção do corpo mecanizado para obedecer e reproduzir; nos termos educacionais, a pesquisadora de dança e corporeidade aponta que em algumas questões o sistema tem evoluído, entretanto o corpo ainda se encontra em censura.

A noção de disciplina na escola sempre foi entendida como “não movimento”. As crianças educadas e comportadas eram aquelas que simplesmente não se moviam. O modelo escolar-militar da primeira metade do século XX era aplicado desde o momento em que a criança chegava na escola. As filas por ordem de tamanho, para se dirigirem às salas de aula, o levantar-se cada vez que o diretor ou supervisor de ensino entrava na sala etc. Atualmente, são raros os estabelecimentos escolares que mantêm este tipo de atitude, encontrado ainda apenas em escolas de cunho religioso e em algumas escolas públicas de cidades pequenas do interior do estado. Nas escolas da rede pública das grandes cidades, esta realidade já não existe. Apesar da ausência destas atitudes disciplinares, a ideia do não-movimento como conceito de bom comportamento prevalece. Muitas escolas aboliram as filas e os demais símbolos de respeito a diretores e professores; no entanto, foram criadas outras maneiras de se limitar o corpo (STRAZZACAPPA, 2001, p. 70).

Pensando então nas formas como diversos grupos se organizam e nos remetendo aos fatos históricos e educacionais, Michel Foucault nos diz que o ballet clássico é uma de nossas menores preocupações com relação ao corpo e à escola na esfera opressora. Foucault (1926 -1984) em seu livro *Vigiar e Punir* (1975) traz a questão das relações internas das diversas instituições como princípio da concepção opressora da ação corporal, o pensador promove um diálogo em que é possível entender a ditadura corporal através das relações de poder (FOUCAULT, 1975).

A generalização da punição se reverte por meio dos conflitos de poder e submissão a quem tem o poder, ou seja, é algo padronizado em muitas

organizações. Neste sentido, podemos reconhecer tal influência discriminada por Foucault sobre as práticas pedagógicas na escola.

Durante todo o século XVIII, dentro e fora do sistema judiciário, na prática penal cotidiana como na crítica das instituições, vemos formar-se uma nova estratégia para o exercício do poder de castigar. E a “reforma” propriamente dita, tal como ela se formula nas teorias de direito ou se esquematiza nos projetos, é a retomada política ou filosófica dessa estratégia (FOUCAULT, 1975, p. 79).

Entendemos que essa punição tem por objeção uma função regular e repressiva, coextensiva à sociedade em punir melhor, em punir universalmente e profundamente o corpo social (FOUCAULT, 1975). Não apenas às margens do poder, bem como da estrutura física, Foucault faz a comparação da organização escolar com o sistema carcerário, na concepção de que existe a relação de poder e punição no espaço escolar, a sua estrutura física não poderia ser diferente de uma penitenciária, a escola nesta perspectiva foi criada para castigar e disciplinar os alunos.

Houve durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objetivo e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo – ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam (FOUCAULT, 1975, p. 132).

O ambiente escolar, por sua vez, é um espaço mais que preparado para disciplinar o corpo e a mente do aluno, é um interior para robotizar o indivíduo, as salas de aulas compõem uma organização mecânica e homogeneizadora, desde as carteiras postas em fileiras até as grades ao redor da escola. A disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, os então chamados “corpos dóceis” (FOUCAULT, 1975).

O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam (FOUCAULT, 1975, p. 165).

Entendendo que há diversas formas de punir o corpo do aluno no espaço escolar e que estas ações acabam por prejudicar o desenvolvimento e a voz do

discente, voltaremos o nosso olhar para a realidade do ensino brasileiro mediante as falas de Paulo Freire (1921 – 1997).

Sob o regime estrutural pelo qual o homem passou historicamente, desde as escolas católicas e as academias de bailado e pinturas no século XVIII, o que conhecemos por pedagogia tradicional foi fundamentada por este viés educativo, as estruturas das escolas foram criadas seguindo o modelo penitenciário, mas a prática pedagógica é fruto dos que já haviam ensinado. É propício falar que nos eventos da nossa história, o corpo do aluno sempre foi trabalhado de forma punitiva e disciplinada.

Por volta de 1960 a 1970, repercutia um modelo rigoroso no ensino brasileiro, levando em consideração a situação econômica da época e os conflitos políticos da ditadura militar sendo o objetivo da educação, formar mão de obra para o mercado de trabalho, instalou-se o modelo tecnicista (SUBTIL, 2012).

Na busca de uma pedagogia libertadora e progressista, em meados de 1980, Paulo Freire propõe novas possibilidades de se pensar o ensino, o discente passa a ser protagonista dos conteúdos e a pedagogia é voltada a sua realidade cultural (VIEIRA, 2011). Dessa forma, houve a aparição de possibilidades para que o aluno integrasse o espaço escolar de maneira dinâmica significativa e potencializadora.

No momento em que a educação voltou os holofotes para a teoria de Paulo Freire, os alunos passaram a ter mais protagonismos nas salas de aulas, os corpos já não seriam tão reprimidos quanto antes, entretanto este modelo, ainda hoje, encontra-se em transição. Partindo da ideia do ensino estrutural, existe uma grande dificuldade dos docentes para se trabalhar a prática pedagógica e evitar a fábrica de corpos no ambiente escolar.

Paulo Freire ao ter contato direto com o ensino e a educação, desenvolveu a pedagogia do oprimido, seria a aplicação de uma prática pedagógica em caráter humanístico, que se volta contra a opressão nas diversas camadas sociais e culturais ao qual está inserido o aluno (FREIRE, 2013).

Segundo Freire (1921 – 1997) citado por Scocuglia (s/d), “a pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis com a transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo permanente de libertação”.

Assim, é importante que o educador esteja apto a dar um suporte ao aluno e o ajude a descobrir suas potencialidades, e não estabeleça a punição corporal, sendo esta a imobilidade, o silêncio da expressão dos corpos, que tem se tornado uma constante rotina nas escolas. O ensino e a educação devem ser uma troca de elos, deve ser a relação aluno e professor, mais que viável a expressão do aluno e a sua liberdade para se comunicar corporalmente por meio dos símbolos.

De acordo com Laban (1879 - 1958) citado por Rengel e Mommensohn (s/d, p.102) “o corpo é a nossa primeira linguagem, o nosso primeiro meio de conhecimento de nós mesmos e do mundo ao nosso redor” A linguagem corporal pode ser analisada por esse sistema, tal como a Linguística analisa os discursos da língua. O corpo comunica, expressa, simboliza, significa, esboça.

A escola tem o compromisso de mediar o aluno por um viés transformador, que viabilize a oportunidade de interagir e integrar o meio educativo. A cada censura corpórea, a escola perde a oportunidade de ajudar um aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se através de uma pesquisa bibliográfica pensar de forma mais clara em uma questão da realidade escolar e do corpo. A escola, nos dias de hoje, apresenta conflitos que não isolados, são conflitos de interesse social, são questões que precisam ser debatidas para a melhor formação das próximas gerações. O corpo no espaço escolar é tratado como tabu, e pouca importância tem se dado a este tema. As salas de aulas e os variáveis ambientes da escola não têm acolhido as crianças e adolescentes na modalidade que permitam se expressar. É muito comum que ao perguntarmos aos alunos como é a organização física da salas de aulas, estes responderem que ainda existe a mecanização das fileiras, o excesso de texto no quadro e a falta de interação comunicativa e ativa entre eles e o educador. Neste sentido, esta pesquisa se pautou nas falas de Michel Foucault que trouxe abordagens referentes a essa estrutura que se agravou no ensino, e em concordância com a temática foi mais que relevante trazer as contribuições de Paulo Freire e a Pedagogia do oprimido.

É mais que urgente pensarmos em quem estamos formando e para quê estamos formando; a educação não tem sido significativa para muitos alunos, pois este deslize estrutural referente à repressão corporal acaba refletindo em suas formações, precisamos pensar em didáticas, práticas pedagógicas e um ensino

potencializador, dinâmico e dialético. Reproduzir a fábrica de corpos imóveis e quietos não ajudará nem um aluno evoluir social, cultural e cognitivamente. Sendo assim, é preciso que haja movimento e interação para que possa haver uma educação integralizadora e com potencial humano.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão; tradução de Lúcia M. Pondé Vassallo. Petrópolis, Vozes, 1987

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança, Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Terra, 2013.

RENGEL, Lenira Peral; MOMMENSOHN, Maria. O corpo e o Conhecimento: dança educativa, 99 – 109.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **A progressão do pensamento político-pedagógico de Paulo Freire**. 1999. 26 f. Pós Graduação. UFPB.

SEED, **Sociologia: Ensino Médio**. Curitiba, 2006. 267 p.

STRAZZACAPPA, Marcia. A educação e fábrica de corpos: a dança na escola. **Cardernos Cedes**, n. 53, p. 69 – 83, abril/2001.

VIEIRA, Marcilio de Souza. As reformas educacionais e o ensino de arte. **Cocar Belém**, Rio Grande do Norte, n. 10, v. 5, p. 66 – 71, jun – dez, 2011.